



THE JACOB RADER MARCUS CENTER OF THE
AMERICAN JEWISH ARCHIVES

Preserving American Jewish History

MS-603: Rabbi Marc H. Tanenbaum Collection, 1945-1992.

Series A: Writings and Addresses. 1947-1991

Box 2, Folder 43, "O Humorismo No Talmud", 1974.



Marc Tanenbaum

O HUMORISMO NO TALMUD

Freud escreveu que uma das características fundamentais do humorismo é o fato de ele possuir em si um «elemento libertador». Consiste esse elemento na «recusa de ser ferido pelas setas da realidade ou de ser obrigado a sofrer. Insiste em que é insensível aos golpes desferidos pelo mundo exterior e que, na realidade, esses golpes não passam de meras ocasiões de proporcionar-lhe prazer».¹

Segundo Freud, o humorismo, por seu repúdio à possibilidade de sofrer tem seu lugar na grande série de métodos inventados pela mente humana com o fim de fugir à compulsão para o sofrimento, em que se incluem estados auto-induzidos de abstração, ilusão e arrebatamento. Devido a essa conexão, o humorismo possui uma dignidade inteiramente desprovida, por exemplo, de chiste, pois o objetivo do chiste é simplesmente ou proporcionar prazer ou, proporcionando-o, oferecer um escape a tendências agressivas. O que é nobre e elevado no que se refere ao humorismo, é a afirmação vitoriosa do *ego*, quanto à sua invulnerabilidade em face de reais circunstâncias adversas.

O prazer causado pelo humorismo nunca é tão intenso como o produzido pelo cômico ou pelo chistoso, nunca se expande numa gargalhada. Sem sabermos bem por quê, atribuímos a esse prazer menos intenso um grande valor: sentimos que seu efeito é particularmente libertador e dignificante. O gracejo feito no humorismo não é o essencial: tem unicamente o valor de uma demonstração. O principal é a intenção a que o humorismo obedece, seja que se refira à própria pessoa ou a outras. O sentido é: «Olhe! Isto é tudo que significa este mundo aparentemente perigoso — um brinquedo de criança —: é exatamente sobre isto que se deve gracejar!» É por meio deste estratagema mental do humorismo, afirma Freud, que o superego — um duro senhor — fala ao assustado ego palavras tão delicadas de conforto e procura protegê-lo contra o sofrimento.

O humorismo judeu exprime com requinte a técnica psicodinâmica com que o povo judeu enfrentou os sofrimentos e os horro-

¹ S. Freud, *Character and Culture* (ensaio sobre o «humor», 1928), Collier Books, Nova Iorque 1963, 265-266.

sof padecimentos que lhe foram infligidos pelo anti-semitismo que se espalhou pela sociedade e civilização ocidentais, tanto cristã como secular, durante a maior parte dos mil e novecentos anos da Diáspora. Durante toda a experiência da Diáspora, a imagem que os judeus fazem de si mesmos jamais foi inteiramente independente da imagem que os não-judeus deles fazem no que se refere ao aspecto religioso ou secular dessa imagem. Ninguém escapa ileso à situação em que o mundo o lançou. A maior parte dos judeus que aderiram a certas atitudes anti-semíticas do seu ambiente encontrou muitas formas racionais de expressar essa adesão. A autocrítica judia, viva, e, às vezes, excessiva, pode ser considerada como uma expressão da agressividade externa de parte dos não-judeus, agressividade esta que se tornou interna, como parte do caráter judeu.

Embora a Bíblia demonstre que esta autocrítica já existia antes da Diáspora, como o observa o Dr. Ernest van den Haag², parece que o superego judeu sempre foi extraordinariamente forte — como seria de esperar numa sociedade tão patriarcal — tendo-se revelado quer nos profetas, quer, mais tarde, em críticos sociais, tais como Marx, Freud, Einstein, Marcuse e outros. Algumas vezes a autocrítica judia é sumamente destrutiva e traz o ferrete de identificação com o agressor. Às vezes ela se expressa em gracejos humorísticos — forma inofensiva de descarregar a agressividade.

Desde os tempos bíblicos e rabínicos até o dia de hoje, os chistes que os judeus contam entre si a respeito deles mesmos, se referem quase sempre à dureza de suas vidas durante muitos séculos. Esta espécie de humorismo tinha por fim neutralizar o aguilhão do sofrimento — como se o próprio sofrimento fosse coisa divertida. É quase como se os judeus se dessem ao trabalho de inventar pilhérias a respeito deles mesmos a fim de se antecipar aos sofrimentos que o mundo lhes reserva e de amortecer-lhes o impacto com essa antecipação.

Um dos mais famosos escritores em Yiddish, Sholom Aleichem, definiu a esperança como «mentirosa». Afirmou ele: «O dia primeiro de abril (dia de «enganar os tolos»), é uma brincadeira que se repete 365 vezes por ano» e «A vida é um drama para os sábios, uma diversão para os idiotas, uma comédia para os ricos e uma tragédia para os pobres». Quase se pode ouvir o suspiro de aprovação com que foram acolhidas tais pilhérias, ao serem ouvidas pela primeira vez nos miseráveis guetos e nos *shtetls* (lugarejos) da Europa. É o humorismo do desdém de reprovação, são pilhérias que raramente nos fazem rir com as profundas gar-

² E. van den Haag, *The Jewish Mystique*, Dell Publ. Co., Nova Iorque 1971, p. 50.

galhadas de prazer que caracterizam muitos ditos humorísticos não-judeus. Quando muito, essas pilhérias nos fazem sorrir por um momento e esse sorriso é triste. Na realidade os judeus fazem graça para não chorar.³

Esta atitude de «moderação» quanto ao humorismo e seu emprego pessoal e social entre os judeus teve fundamento teológico — ou racionalização — numa visão do mundo mais ampla por parte do judaísmo rabínico. Os rabinos que constituíram o judaísmo clássico, desde a época, aproximadamente, de 100 antes de Cristo até 640 depois de Cristo (data em que se terminou o Talmud Babilônico)⁴, procuraram fazer uma comparação entre a vida na terra e a vida que há de vir (*olam haboh*). Enquanto observavam que a vida na terra (*olam hazeh*) é cheia de perseguições e aborrecimentos e criam que a vida futura será cheia de felicidade e alegria, contudo continuavam a pensar que uma longa vida na terra era, sem dúvida, uma bênção, e a morte, sendo muito embora um prelúdio da vida bem-aventurada, era ainda, de alguma forma, um mal. Não renunciavam a este mundo nem lhe diminuían o valor. Era neste mundo que a Torah (a Lei: não *nomos*, mas a forma de vida revelada por Deus, *paideia*) podia ser estudada e cumprida e que esse estudo e esse cumprimento proporcionavam um prazer indescritível e único. Além disso, os rabinos não eram insensíveis a outros valores terrenos, puros e sadios, de que Deus permitia gozassem as suas criaturas. Sabiam agradecer-Lhe as belezas da natureza. Sabiam apreciar um bom jantar. Ensinavam positivamente que os prazeres deste mundo não deviam nem podiam ser desprezados, desde que deles se gozasse com moderação, desde que fossem santificados pela religião, pela gratidão para com Deus e, sobretudo, que é um erro ficar indiferente a eles, desde que não se permita estejam em desacordo com o estudo e o cumprimento da Torah. Seria necessário praticar um pouco de ascetismo por amor do estudo e, então, cada qual agiria desta forma. Se, porém, alguém sabe combinar o mais baixo com o mais elevado, é esta a melhor maneira de viver possível ao ser humano. Os rabinos eram «elasticamente otimistas» — como os chamou C. G. Montefiore⁵ — e nem perseguições nem contratempos jamais lhes abateram os ânimos por muito tempo.

³ Existem muitas obras populares sobre o «humorismo judeu»; quase todas, porém, são coleções de anedotas. Eis algumas das mais conhecidas: H. Golden, *The Golden Book of Jewish Humour*, Putman's, Nova Iorque 1972; L. Rosten, *Treasury of Jewish Quotations e The Joys of Yiddish*; M. Peters, *Wit and Wisdom of the Talmud*, Bloch, Nova Iorque 1940.

⁴ J. Neusner, *There We Sat Down; The Story of Classical Judaism*, Abingdon Press 1972; *From Politics to Piety: The Emergence of Pharisaic Judaism*, Prentice-Hall 1973.

⁵ C. G. Montefiore and H. Loewe, *A Rabbinic Anthology*, Meridian Books, Nova Iorque 1938.

Os rabinos intelectualizavam e justificavam as lições da história judaica. O que quer que lhes acontecesse, fosse qual fosse a dor ou o sofrimento que eles mesmos tivessem de suportar ou que testemunhassem em outros, bastavam duas explicações para manter-lhes a fé. Os seus próprios pecados ou os pecados de seus antepassados mereceram todos os castigos que tinham caído sobre eles. De outra parte, mantinham uma absoluta convicção sobre as felicidades do futuro, do mundo de além-túmulo, as quais compensariam, ou mais do que isso, todas as dores e sofrimentos deste mundo. Essa compensação seria tanto maior e tanto mais gloriosa, por causa dessas dores e sofrimentos ou em proporção a eles; habilitava-os a suportar corajosamente qualquer soma de tribulações e afastava deles a mínima idéia ou a mínima sombra de dúvida. Os rabinos concordariam inteiramente com Paulo, quando escreveu: «Tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória vindoura, que se manifestará em nós».

Ensinavam os rabinos que a libertação devia vir de Deus. No fim, Deus cumprirá as suas promessas; entretanto, devemos ter paciência. Não devemos experimentar forçar a mão de Deus: não devemos combater inimigos, quando é certa a nossa derrota; esta, a grande lição que aprendemos da destruição de Jerusalém e da opressão romana. Além disso, ensinavam que os judeus devem dedicar-se ao cumprimento meticoloso da Lei de Deus e, ainda mais, sendo eles o Seu povo eleito, têm a capacidade de continuar espiritualmente superiores aos seus mais poderosos inimigos. Podiam cultivar a sua inteligência; — para isso não precisavam de permissão. Podiam ainda sobressair nas atividades que lhes eram permitidas. Seguindo fielmente esse ensinamento dos rabinos, os judeus se conformaram com a realidade e conseguiram sobreviver individual e coletivamente. Conseguiram conservar viva uma altiva auto-imagem, com a qual puderam manter-se e que os ajudou a sobreviver psicologicamente intactos. No decorrer de sua história, os judeus foram capazes de guardar e avivar a sua identidade como «reino sacerdotal e nação santa» prometida pela Revelação no Monte Sinai, a fim de cumprir no mundo uma tarefa de redenção até a vinda do Reino. Dariam maior contribuição à civilização tão logo se lhes oferecesse a oportunidade de fazê-lo, pela sua cultura e mediante o renascimento do Estado de Israel.

A exceção da visão estritamente ascética, devido à qual certos rabinos medievais condenaram o humorismo e as risadas, os rabinos do período talmúdico não viam motivo para uma condenação tão geral, desde que humorismo e riso sejam uma expressão de alegria e divertimento, prazeres absolutamente legítimos «deste mundo».

Já que toda a religião dos rabinos estava contida nas Sagradas Escrituras e eles nunca expressavam um ponto de vista nem enunciavam qualquer doutrina, sem procurar justificá-la ou confirmá-la com alguma passagem ou enunciado da Bíblia, as suas idéias a respeito do humorismo e sua expressão no riso eram invariavelmente baseadas em fontes bíblicas. O Dr. Chaim Reines* identifica diversas categorias de riso nas literaturas bíblica e rabinica, as quais refletem os vários estados mentais de alívio, alegria, perplexidade ou divertimento que provocam hilaridade:

1. O riso da alegria

No salmo 126,2 se diz que quando o Senhor fizer voltar exultantes os cativos de Sião, «nossa boca se encherá de riso, e nossa língua, de canções». Riso e canção são, pois, expressões de alegria. Provavelmente mencionava-se aqui o riso, porque a libertação do exílio aconteceu tão inesperadamente que parecia um sonho com sua conseqüente expansão de alegria.

2. O riso do prazer intelectual

O riso que, em geral, é expressão do prazer, ocorre em uma ocupação tranqüila e agradável da inteligência. Há uma passagem agádica (*Tanhumah*, ed. Buber, *Yitro 17*; *Pesikta Rabbati*, ed. Friedman, p. 101), em que se faz uma observação sobre a diferença nas expressões do rosto, quando se ensina a Bíblia, a Mishnah ou se profere um sermão agádico. Ao ensinar a Bíblia numa escola primária, o professor mostra um rosto severo, a fim de inspirar reverência para com a Palavra do Senhor e também respeito à sua própria pessoa. Ensinando a Mishnah e o Talmud, o professor apresenta um rosto amigo, contudo sério, pois esta matéria requer um considerável esforço mental. Quando, porém, pronuncia um sermão agádico diante de uma assembléia de leigos, o orador mostra um rosto sorridente, pois a matéria da *aggadah* não tem um caráter tão sério como a *halakhah* (lei religiosa) e se baseia, em grande parte, em jogos de palavras e semelhantes expedientes homiléticos, deixando, geralmente, a imaginação à rédeas soltas. Efetivamente, a *aggadah* contém, por vezes, ditos humorísticos (J. Heinemann, *Darkhei Haagadah*, 190, 191). A fim de atrair a atenção do auditório, o orador recorria, às vezes, a afirmações ousadas sobre casos absurdos; tais afirmações provocavam hilaridade (*Genesis Rabbah*, 30, 9).

* C. W. Reines, *Laughter in Biblical and Rabbinic Literature*, *Judaism magazine*, Issue N° 82, Vol. 21, Number 2, New York, Spring 1972, p. 176-183.

3. O riso da confiança

O termo «riso» («sorriso») é também empregado na Bíblia para exprimir confiança ou ausência de temor em face dum acontecimento iminente (*Provérbios* 31,25; *Jó* 5,22; 39,22). No Talmud narra-se uma história curiosa (*Makkot*, 24): os rabis Akiba, Gamaliel, Josué e Eliezer passeavam, certa vez, pelas ruínas do Templo e viram lá uma raposa. Enquanto os colegas rompiam em lágrimas à vista desse trágico espetáculo, rabi Akiba achou graça. Quando os outros lhe falaram de seu pasmo diante do despropósito de tal riso, rabi Akiba (cerca de 135 dC.) lhes explicou que, justamente do mesmo modo como se havia cumprido a triste predição dos Profetas, isto é, que a montanha do Templo seria convertida em alturas cobertas de mato (*Jeremias* 26,18; *Miquéias* 3, 12; *Isaias* 2,1; *Miquéias* 4,2), assim também se cumpriria a predição acerca da futura glória do Templo. O riso de rabi Akiba significava, portanto, a sua fé nas promessas dos Profetas não obstante a situação aflitiva da nação judaica naquela época (História semelhante encontra-se também em *Yoma*, 38a; *Shékalm*, 9a).

4. O riso da simpatia

Rir (sorrir) significa ainda amizade, compreensão, intimidade. Os rabinos apreciavam o sentido ético do sorriso que significa amizade, simpatia, consolo. Rabi Yochanan (cerca de 70 dC.) dizia que um sorriso vale mais que dar um pouco de leite (*Talmud Kétubot*, 111b). Com isso queria dizer que o que importa não é o benefício material como tal, mas a demonstração de simpatia e compreensão, pois uma pessoa necessitada precisa mais de simpatia e consolo que de qualquer outra coisa. No mesmo sentido já havia sido dito (*Baba Batra*, 9b) que consolar um pobre com palavras tem mais valor que dar-lhe uma esmola.

5. O riso da zombaria contra um adversário

Um freqüente motivo de riso (eticamente repreensível) é o desejo de subjugar um forte adversário, usando de algum truque astucioso, como se fosse um meio legítimo para derrotá-lo. O riso provocado nestas condições, provém do prazer que se tem no truque empregado para conseguir a vitória.

6. O riso do desprezo: escárnio

Às vezes, o riso exprime desprezo, quando significa que a pessoa em questão provoca apenas divertimento e não precisa ser

temida. É assim que no salmo 2,4 se diz que o Senhor «se ri e zomba» dos reis que conjuram contra Ele e Seu Messias. Estas palavras significam que o Senhor os desdenha, porque eles, apesar da sua arrogância, na realidade são impotentes contra Ele. A *aggadah* narra, igualmente, o escarnecimento realmente acontecido, de tiranos. Conta que quando Moisés e Aarão foram ter com o Faraó, a fim de mostrar-lhe, com milagres, o poder do Deus de Israel, o Faraó queixou-se de que eles estivessem zombando dele (isto é, estivessem desdenhando-o). No Êxodo *Rabbah*, IX, 4, em que evidentemente se têm em vista as condições da época (sob o domínio do Império Romano), a *aggadah* quis mostrar que os judeus oprimidos e perseguidos somente nutriam desdém para com seus opressores, já que estavam confiantes de que triunfariam dos tiranos. Diz a narrativa bíblica que, após a última praga, o Faraó mandou chamar Moisés e Aarão para dizer-lhes que estava disposto a permitir que os israelitas deixassem o país. Procurando enfatizar a humilhação do Faraó, a *aggadah* o representa a correr em pânico pelas ruas, perguntando a todo mundo onde estavam Moisés e Aarão. E as crianças dos israelitas zombavam dele e diziam: «Ó Faraó, aonde você vai?» (*Tanhumah*, Buber, Bo, 19).

7. Ética do riso

Algumas categorias do riso, acima mencionadas, são de natureza malévola e devem ser moralmente condenadas. Além disso, o rir excessivo impede a concentração do pensamento, desvia a atenção dos sérios deveres da vida e leva à frivolidade e a brincadeiras malévolas. Um rir violento que provoca convulsões no indivíduo (como acontece na histeria), não está de acordo com a dignidade humana e é, ainda, esteticamente repugnante. Crianças e gente primitiva se riem constante e convulsivamente, mas uma pessoa civilizada se ri moderadamente em certas ocasiões próprias, tendo o cuidado de não ofender com isso os sentimentos dos companheiros. Estas considerações éticas explicam a atitude crítica que se observa na literatura bíblica e na rabínica em relação ao humorismo e ao rir.

O *Eclesiastes* (*Kohélet*) é o mais antigo pensador judeu (com exceção de algumas referências casuais nos *Provérbios*) que tratou do riso do ponto de vista ético e cujas idéias a respeito do assunto mostram semelhança com as dos rabinos. Diz ele: «do riso eu disse que é insensatez, e do divertimento, para que serve?» (2,2). Estas palavras se referem ao riso e ao divertimento frívolos, que nenhum sentido têm. Em outra passagem, ele diz: «como o ruído dos espinhos ardendo debaixo de uma panela, assim é o riso dos insensatos» (7,6), referindo-se aqui ao riso ruidoso e esteticamen-

te repulsivo de indivíduos ordinários. Observa ainda que «é melhor a tristeza que o riso, pois com um semblante triste desenvolve-se a mente» (7,3).

Não é, certamente, a tristeza em geral que o *Eclesiastes* recomenda, visto que, muito pelo contrário, recomenda a alegria; o que, porém, entende dizer é que, às vezes (como, por exemplo, numa admoestação moral), mostrar um rosto triste é mais conveniente do que mostrar um semblante risonho. Em outra sentença, afirma: «Há tempo de chorar e tempo de alegrar-se». De acordo com a sua sábia visão da vida, o *Eclesiastes* não desaprova inteiramente o riso, mas sustenta que o riso deve ficar dentro de certos limites, sendo, como é, a expressão natural da alegria no tempo e nos momentos oportunos. Rir-se excessivamente é sinal de frivolidade e de vazio espiritual.

Afirmou rabi Akiba que riso e frivolidade levam à licenciosidade (*Avot*, III, 13). Um *midrash* posterior diz que riso e frivolidade podem levar também a outros pecados graves, como assassínio, fraude e roubo (*Seder Eliahu Rabbah*, ed. Friedman, c. XIV, p. 64). O código de Maimônides, *Deot*. VII, 4, fala de alguém que calunia mediante riso e frivolidade.

Os rabinos estavam convencidos de que o Espírito Santo (*Shekhinah*) não está presente num estado de tristeza nem de riso e frivolidade, mas num estado de alegria que está ligada ao cumprimento de uma *mitzvah* (isto é, a uma devoção religiosa, geralmente falando) (*Shabbat*, 30b). Segundo Maimônides, a alegria é o meio-termo entre a tristeza e a frivolidade. Uma das fontes que delineiam o procedimento necessário ao estudante da *Torah*, estabelece que ele deveria permitir-se apenas um «mínimo de riso» (*miut tzehek*) (*Avot*, VI, 5). Note-se que esta fonte não desaprova de modo absoluto o riso, mas somente o riso excessivo.

Dizia rabi Simão ben Yohai que no seu tempo (após a destruição do Templo), ninguém deveria permitir-se um riso cheio de alegria, já que havia sido declarado que, quando o Senhor libertasse Israel os nossos lábios estariam cheios de riso. Por essas motivações se torna evidente que rabi Simão ben Yohai não desaprovava de modo geral o riso como expressão de alegria, baseada em razões ascéticas, mas sustentava que não era conveniente rir-se em tal época, uma vez que cada qual deveria chorar por causa de Sião. O motivo deste modo de ver foi a tendência que, então, se propagava, de evitar alegria excessiva em sinal de luto por Sião.

Não obstante esses princípios morais, os historiadores sociais do período talmúdico mostram que o povo comum da época era propenso aos divertimentos. Havia muitas diversões e humorismo, especialmente por ocasião de casamentos e de festas, como o *Purim*

(em que se celebrava o fato de se terem livrado os judeus persas dum massacre iminente) e a *Simchath Torah* (último dia da festa dos Tabernáculos, *Sukkoth*, em que era celebrado o divino dom da *Torah*). É um fato que mesmo alguns mestres rabínicos mais jovens participavam de tais celebrações de casamentos, embora os rigoristas dentre os rabinos se opusessem. Vendo que, por ocasião do casamento de seu filho, os jovens mestres estavam ficando alegres demais, rabi Ashi quebrou um copo, a fim de induzi-los à sobriedade (*Berakhot*, 31a). O patriarca, rabi Judah Hanassi (cerca de 170-210 dC.), certa vez, deixou de convidar Bar Kappara, um dos maiores sábios entre os seus seguidores, para o casamento de seu filho, porque Bar Kappara costumava ficar alegre e contar chistes nas festas de casamento.

Certa ocasião, Abbaya foi repreendido por Rabba, seu mestre, por ter-se mostrado um tanto alegre; então ele replicou: «É que estou observando o rito do *tefillin*» (isto é, pondo o turbante e os braceletes da oração das filactérias); com isso queria dizer que para um homem de seu feitio não havia motivo para temer se tornasse ele frívolo (*Berakhot*, 30b). A *aggadah* afirma que Elias louvou dois homens simples, porque, com seus chistes e senso de humor, alegravam pessoas tristes e conseguiam acabar com risas (*Taanit*, 22a).

Em suma, os rabinos do Talmud, embora condenassem «o riso e a frivolidade», apreciavam sinceramente o salutar efeito psicológico do humorismo e do riso.

Tradução de
J. B. Michelotto, C.Ss.R.